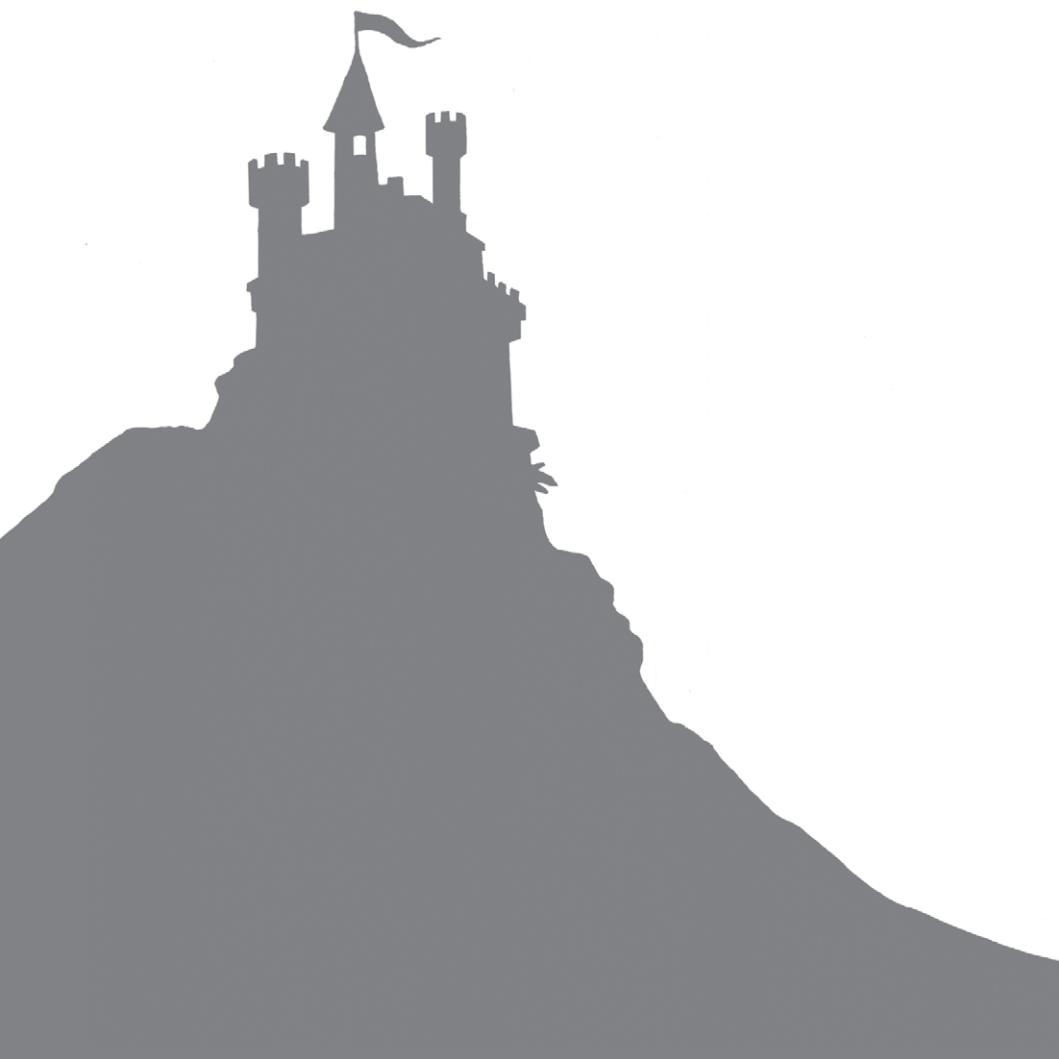


UM CONTO SOMBrio dos GRIMM

ADAM GIDWITZ



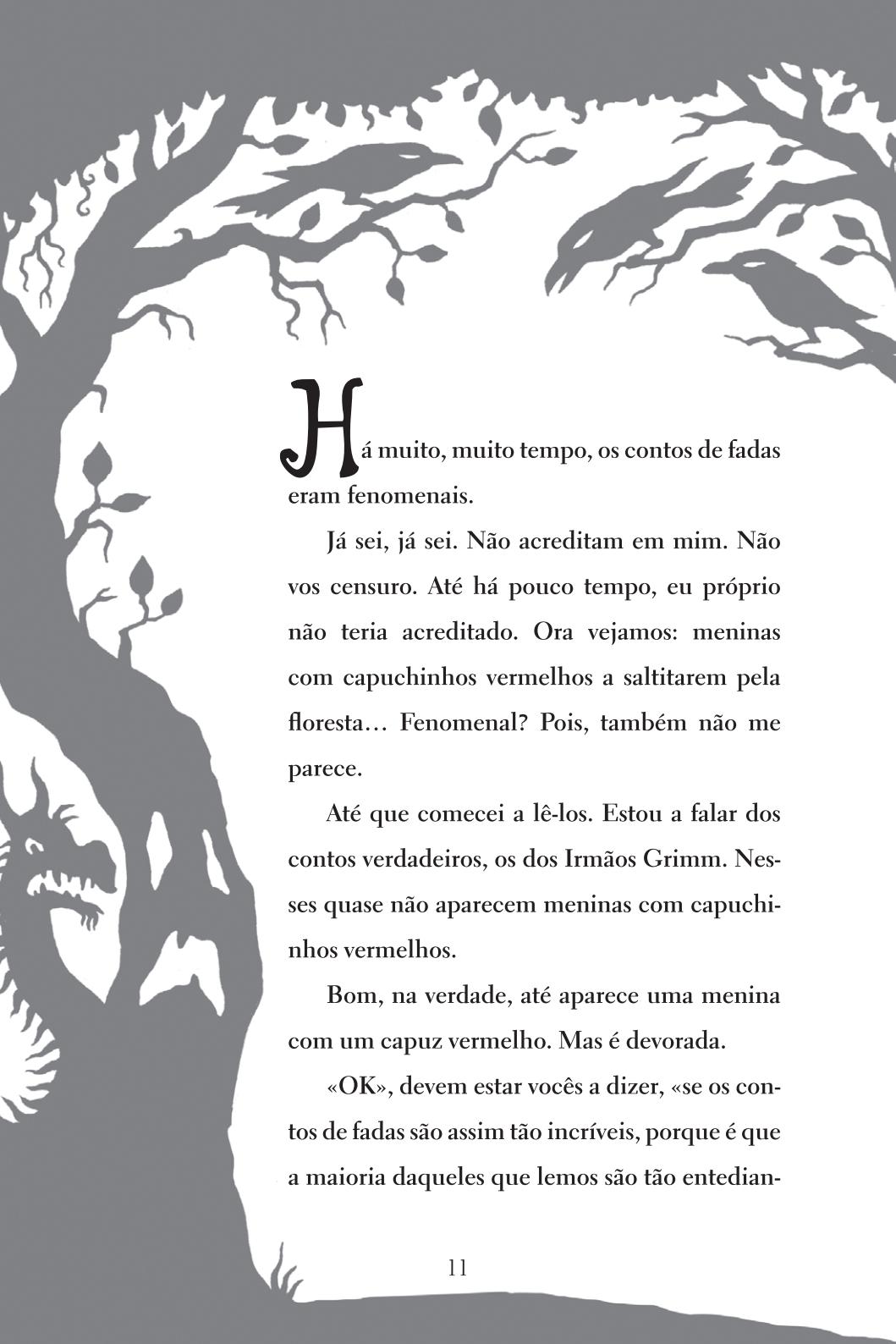
À minha família. Obviamente.





Índice

O FIEL JOÃO	17
HANSEL E GRETEL	51
AS SETE ANDORINHAS	65
IRMÃO E IRMÃ	83
UM SORRISO VERMELHO COMO O SANGUE	97
OS TRÊS FIOS DE CABELO DOURADO	127
HANSEL E GRETEL E O REINO DESTRUÍDO	169
HANSEL E GRETEL E O DRAGÃO	195
HANSEL E GRETEL E OS SEUS PAIS	229



Há muito, muito tempo, os contos de fadas eram fenomenais.

Já sei, já sei. Não acreditam em mim. Não vos censuro. Até há pouco tempo, eu próprio não teria acreditado. Ora vejamos: meninas com capuchinhos vermelhos a saltitarem pela floresta... Fenomenal? Pois, também não me parece.

Até que comecei a lê-los. Estou a falar dos contos verdadeiros, os dos Irmãos Grimm. Nesses quase não aparecem meninas com capuchinhos vermelhos.

Bom, na verdade, até aparece uma menina com um capuz vermelho. Mas é devorada.

«OK», devem estar vocês a dizer, «se os contos de fadas são assim tão incríveis, porque é que a maioria daqueles que lemos são tão entediantes?»

tes que chegam a dar sono?» Já sabem como é com as histórias. Uma pessoa conta um conto. Depois outra repete-o e acrescenta um ponto. A pessoa seguinte modifica-o um pouco mais. Depois aparece outra e vai contá-lo ao filho e começa a excluir as cenas assustadoras e sangrentas – que é como quem diz, as melhores partes – e, quando damos por isso, transformou-se num conto de fadas sobre uma menina adorável com um capuz vermelho que atravessa a floresta a saltitar para ir levar bolachas à avó. E vocês já estão tão aborrecidos que caem duros no chão.

As verdadeiras histórias dos Irmãos Grimm não são assim.

Vejamos, por exemplo, o conto *Hansel e Gretel* no qual duas criancinhas gulosas tentam comer a casa de uma bruxa, então ela decide cozinhá-las e comê-las ao jantar – o que me parece bastante justo. No entanto, antes de a bruxa conseguir pôr o seu (perfeitamente razoável) plano em prática, elas transcam-na no forno para que asse até à morte.

Têm de concordar que é bastante fixe.

Mas talvez não seja fenomenal.

Exceto – e aqui reside o problema –, que essa não é a verdadeira história do Hansel e da Gretel.

Sabem, existe outra história escondida nos *Contos de Grimm*. Uma saga que se desenrola ao longo de todo o bolorento e misterioso livro – como um rastro de migalhas de pão a serpentejar por uma floresta. Aparece em contos dos quais são

capazes de nunca ter ouvido falar, como *O Fiel João e Irmão e Irmã*. E noutras que já devem conhecer, como *Hansel e Gretel*, por exemplo.

É a história de duas crianças – uma menina chamada Gretel e um menino chamado Hansel – que viajam por um mundo mágico e assustador. É a história de duas crianças que se esforçam e fracassam e depois já não fracassam. É a história de duas crianças que descobrem o significado das coisas.

Antes de continuar, devo avisar-vos: as histórias dos Irmãos Grimm – aquelas que não foram alteradas para as crianças mais pequenas – são violentas e muito sangrentas. E o relato que se segue, o único realmente verdadeiro dos contos dos Grimm, é do mais violento e sangrento que possam imaginar.

A sério.

Se estas coisas vos incomodam, talvez devam fechar agora o livro.

Sabem, o mundo dos Grimm pode ser um lugar angustiante. Mas vale a pena explorá-lo. Afinal, é nas zonas mais sombrias da vida que encontramos a beleza mais luminosa e a sabedoria mais profunda.

E, claro, a maior quantidade de sangue.

UM
CONTOSOMBRIOS
dos GRIMM



O Fiel João



Era uma vez um reino chamado Grimm onde um velho rei jazia no seu leito de morte. Era o avô do Hansel e da Gretel, mas não o sabia, porque nem o Hansel nem a Gretel tinham nascido ainda.

Um momento.

Já sei o que estão a pensar.

Bem sei que ninguém quer ouvir histórias que aconteceram *antes* de as personagens principais aparecerem. Esse tipo de histórias são aborrecidas, porque acabam todas da mesma maneira: com o aparecimento das personagens principais.

Mas não se preocupem. Esta história é muito diferente de todas as que já ouviram.

Sabem, a verdade é que o Hansel e a Gretel não se limitam a *aparecer* no final da história.

Eles aparecem, sim.

E depois são decapitados.

Pensei que talvez gostassem de saber.

O velho rei sabia que estava prestes a bater a bota e mandou chamar o seu criado mais fiel e antigo. O criado chamava-se João; mas como tinha servido o pai do rei, e o pai do seu pai, e o pai do pai do seu pai tão lealmente todos lhe chamavam o Fiel João.

O João entrou a mancar, erguendo as costas corcovadas a cada passo que dava e olhando de soslaio com o seu único olho bom. Farejava o ar com o longo nariz e os seus lábios emolduravam dois dentes podres. No entanto, apesar do seu aspetto grotesco, quando o velho rei o viu aproximar-se, sorriu e exclamou:

– Ah, João! – E chamou-o para o seu lado.

A voz do rei era débil quando anunciou:

– Em breve irei para o outro mundo. Mas, antes de ir, deves prometer-me duas coisas. Em primeiro lugar, promete-me que serás tão leal ao meu jovem filho como tens sido comigo.

O João prometeu, sem hesitar.

O velho rei continuou.

– Em segundo lugar, promete-me que lhe mostrarás toda a sua herança... o castelo, os tesouros, todo este reino maravilhoso... *exceto* um aposento. Não permitas que ele entre no quarto com o retrato da princesa dourada. Porque, se ele o vir, irá apaixonar-se perdidamente por ela. E receio que isso lhe poderá custar a vida. – O rei apertou a mão do criado.

– Promete.

Uma vez mais, o João prometeu. Nesse momento, as rugas de preocupação na testa do rei desfizeram-se, ele fechou os olhos e exalou o seu último suspiro.

Pouco tempo depois, o príncipe foi coroado rei e os súbditos celebraram esse acontecimento com desfiles, festejos e banquetes por todo o reino. Todavia, quando os festejos acabaram, o João foi conversar com ele.

Primeiro, o criado descreveu-lhe todas as responsabilidades inerentes ao trono. O jovem rei esforçou-se por não adormecer.

Em seguida, explicou-lhe que o velho monarca lhe pedira que mostrasse ao jovem rei toda a sua herança – o castelo, os tesouros e todo aquele reino maravilhoso. Ao ouvir a palavra *tesouros*, o rosto do rapaz iluminou-se. Não que fosse ganancioso. Era apenas porque a ideia de ter um tesouro lhe pareceu muito interessante.

Por fim, o João tentou explicar-lhe o seu próprio papel.

– Como deve saber, servi o vosso pai, e o pai do vosso pai, e o pai do pai do vosso pai – disse o João. O jovem rei começou a contar pelos dedos para tentar perceber como era isso possível, mas antes de conseguir fazê-lo, o criado prosseguiu. – Chamam-me o Fiel João porque dediquei a minha vida aos reis de Grimm. A ajudá-los. A aconselhá-los. A su-portá-los.

– Suportá-los? – perguntou o jovem rei.

– Não. *Su-portá-los*. No sentido original da palavra, *sub-portare*. Estando sob eles para os carregar. Para os apoiar. Carregando os seus problemas e as suas dores nos meus ombros.

O jovem rei refletiu sobre aquilo.

– Então, também me su-portarás? – perguntou.

– Sim.

– Aconteça o que acontecer?

– Em qualquer circunstância. É isso que significa ser fiel.

– Bom, se me su-portas, entenderás que já estou farto disto e que agora gostaria de ver os tesouros. – E o jovem rei pôs-se de pé.

O Fiel João abanou a cabeça e suspirou.

Exploraram cada milímetro do castelo: as criptas do tesouro, as torres e todos os aposentos. Todos menos um, claro. Um dos quartos permanecia trancado de cada vez que por lá passavam.

Contudo, o jovem rei não era tolo. Deu-se conta desse pormenor e perguntou:

– Por que razão me mostras todos os aposentos do palácio, mas nunca *este* quarto?

O criado semicerrou o olho bom, franziu a boca com apenas dois dentes e respondeu:

– O vosso pai pediu-me que não vos mostrasse esse aposento, Vossa Majestade. Ele temia que isso pudesse custar-vos a vida.

Desculpem, mas tenho de interromper. Não sei o que estão a pensar neste momento, mas, quando li esta parte da história, pensei para com os meus botões, *Mas ele está doido?*

Talvez conheçam a fundo as atitudes dos jovens rapazes, e talvez não conheçam. Eu, por já ter sido jovem um dia, tenho algum conhecimento de causa. Uma das coisas que sei é que, se não queremos que um jovem faça uma coisa – por exemplo, entrar num quarto onde está o retrato de uma princesa irresistivelmente bela – usar argumentos como, «Isso pode custar-te a vida» é seguramente a *pior* opção. Porque, a partir desse momento, entrar no quarto será a única coisa que esse jovem vai querer fazer.

Porque é que o criado não desconversou? Podia ter dito: «É o armário das vassouras. Quereis ver as vassouras?» Ou: «É uma porta falsa, tolinho. Meramente decorativa.» Ou até: «É a casa de banho das senhoras, Alteza. É melhor não meter o nariz aí dentro.»

Na minha opinião, qualquer uma dessas respostas teria sido mais do que suficiente.

Mas ele não deu nenhuma dessas desculpas. Se o tivesse feito, os horríveis e sangrentos acontecimentos que se seguiram não teriam ocorrido.

(Bom, nesse caso, fico feliz por ele ter dito a verdade.)

– Custar-me a vida?! – proclamou o jovem rei, abanando a cabeça.
– Que disparate!

Insistiu que o criado o deixasse entrar no quarto. Primeiro exigiu. Mas o João recusou. Depois ordenou. E mesmo assim o criado recusou. Depois, lançou-se para o chão e fez uma birra, o que era bastante impróprio para um jovem da idade do rei. Por fim, o Fiel João compreendeu que já não havia muito que pudesse fazer. Então, franzindo o rosto gasto e carrancudo, destrancou a porta e abriu-a.

O rei entrou no quarto como um raio. Deu por si cara a cara com o retrato mais belo da mais bela mulher que alguma vez vira na vida. O cabelo parecia composto por fios de ouro puro e os olhos reluziam como o oceano num dia de sol. E, no entanto, em redor dos lábios, havia um toque de tristeza e de solidão.

O jovem rei olhou uma vez mais para o quadro e desmaiou.

Mais tarde, nos seus aposentos, recuperou os sentidos e viu o criado sentado à sua cabeceira.

– Quem era aquela criatura radiante? – quis saber o rei.

– É a princesa dourada, Alteza – respondeu o João.

– É a mulher mais bela do mundo – disse o jovem rei.

E o criado concordou:

– Sim, é mesmo.

– E, apesar disso, parecia tão triste. Porquê?

O João respirou fundo e explicou:

– Porque, meu jovem rei, ela foi amaldiçoada. De todas as vezes que tentou casar, o seu futuro marido morreu. E diz-se que aos seus filhos está reservado um destino ainda mais horrível, isso se ela alguma vez os tiver. Vive sozinha num palácio de mármore negro e só o teto é dourado. E, como poderá imaginar, sente-se terrivelmente só e triste.

O rei sentou-se na cama e agarrou a túnica do fiel João. E, embora olhasse fixamente para a cara do velho criado, via apenas os olhos azuis brilhantes da princesa e os seus lábios cercados de tristeza.

– Tem de ser minha – declarou. – Vou casar com ela. Salvá-la-ei.

– Podeis não sobreviver – alertou o criado.

– Sobreviverei, se me ajudares. Se me és fiel, se me su-portas, então irás ajudar-me.

O João temia pela vida do jovem rei, mas já tinha sido fiel ao pai dele, e ao pai do seu pai, e ao pai do pai do seu pai. O que podia ele responder?

O criado suspirou.

– Claro que sim.

Era do conhecimento geral que, nos dias de solidão da princesa, a única coisa que lhe trazia um pouco de felicidade era o ouro. Assim, o João aconselhou o rei a juntar todo o ouro do reino e a pedir aos seus ourives que fizessem os objetos mais extraordinários que o mundo alguma vez vira. E eles não demoraram a cumprir essa ordem.

Em seguida, o João e o rei disfarçaram-se de mercadores, carregaram um navio com os objetos de ouro e zarparam para a terra da princesa dourada.

Enquanto a proa do navio cortava as ondas, o João ensinava ao rei o papel que devia representar:

– Vossa Majestade irá apresentar-se como mercador. A princesa sempre gostou de ouro, mas ultimamente é a única coisa que lhe dá alegria. Assim, quando eu a trouxer para o navio, conquiste-a não apenas com os seus modos refinados e a sua bela aparência, mas também com o ouro. Talvez assim ela concorde em desposar-vos.

Quando aportaram, o rei preparou o navio e vestiu o disfarce de mercador, enquanto o João, com alguns objetos de ouro na mala, se dirigiu para as altas muralhas de mármore negro atrás das quais vivia a princesa dourada. Entrou no pátio e encontrou uma criada que tirava água de um poço com um balde de ouro.

— Formosa donzela — disse, com um sorriso amável, mas pouco atraente —, acha que a sua senhora poderá estar interessada nestas insignificantes peças de ouro? — E mostrou-lhe duas das mais belas e refinadas estatuetas de ouro jamais feitas por mão humana.

A jovem ficou espantada com a beleza das peças. Tomou-as das mãos do João e correu para o interior do palácio. Nem dez minutos se tinham passado quando a própria princesa dourada saiu do palácio com as estatuetas nas mãos. Era tão bela como o seu retrato — muito mais, até — e, ao saudar o João, o seu cabelo dourado resplandecia com a luz e os olhos azuis dançavam de prazer. Ainda assim, a tristeza estava presente nos seus lábios.

— Diga-me, velho homem, essas maravilhas estão realmente à venda? — indagou. — Nunca tinha visto nada tão majestoso e delicado.

O Fiel João fez uma vénia.

— Mas há mais, bela princesa, muito mais. O navio do meu amo está cheio destas maravilhas. E podem ser suas, se me acompanhar até ao porto.

A princesa hesitou por instantes. Desde a morte do seu último prometido que não voltara a pôr os pés fora do palácio. No entanto, o apelo do ouro era irresistível. Cobriu os ombros com uma brilhante capa de viagem e seguiu o João até ao porto.

O jovem rei, disfarçado de mercador, saudou a princesa à sua chegada. A sua beleza era tão deslumbrante, a sua tristeza tão óbvia e terna, que quase voltou a desmaiar. Mas, sem saber muito bem como, lá conseguiu manter-se firme e ela sorriu-lhe e convidiou-o a mostrar-lhe todos os tesouros que levara à sua ilustre terra.

Assim que desceram ao convés, o João foi a correr avisar o comandante do navio e, em voz baixa, pediu-lhe que soltasse as amarras e rumasse de imediato a casa.

Bom, meus jovens leitores, sei o que estão para aí a pensar:
Hum. Raptar uma princesa. É uma maneira interessante *de a conquistar*. Devo dizer-vos que, sejam lá quais forem as circunstâncias, raptar uma rapariga é a pior forma de a conquistar.

Mas, como isto se passou há muito, muito tempo, e numa terra distante, parece ter resultado.

Pois a princesa dourada subiu ao convés e viu que a sua terra estava cada vez mais distante. Ao início, claro, protestou com veemência e até se revoltou por estar a ser raptada por mercadores plebeus. Porém, quando um dos «mercadores» revelou que era um rei e estava perdidamente apaixonado por ela, e quando, além disso, o João lhe garantiu que, se *de facto* o desejasse, podia regressar a casa, mas que teria de devolver todo o ouro, a princesa percebeu que, na verdade, o jovem príncipe era exatamente o tipo de

O FIEL JOÃO

homem com o qual ela adoraria casar e decidiu que, afinal, daria uma última oportunidade a essa coisa do casamento.

E viveram felizes para sempre.

Fim